

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CORTES, Soraya Maria Vargas. Soraya Maria Vargas Cortes (depoimento, 2016).Rio de Janeiro, CPDOC / Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 05min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Soraya Maria Vargas Cortes  
(depoimento, 2016)**

Rio de Janeiro

2017

### ***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** História de vida

***Entrevistador(es):*** Celso Castro;

***Técnico de gravação:*** Isabella Jannotti;

***Local:*** Porto Alegre - RS - Brasil;

***Data:*** 16/06/2016 a 16/06/2016

***Duração:*** 1h 05min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Banco Santander, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

***Temas:*** América do Sul; América Latina; Antropologia; Assembleia Legislativa; Brasil; Carreira acadêmica; Ciência política; Ciências sociais; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Ensino; Ensino público; Ensino superior; Estado e sociedade; Família; Formação acadêmica; Formação de professor; Formação profissional; Funcionalismo público; História; Inglaterra; Instituições acadêmicas; Instituições de ensino; Literatura; Magistério; Marxismo; Pesquisa científica e tecnológica; Políticas públicas; Pós - graduação; Reforma educacional; Rio Grande do Sul; Saúde pública; Sociologia; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Viagens e visitas.

## *Sumário*

Entrevista: 16.06.2016

As origens familiares no Rio Grande do Sul; a formação básica; a graduação em história na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); as influências marxistas na universidade; a curta experiência como professora de História em escola; o mestrado em Antropologia, Sociologia e Ciência Política; o trabalho como pesquisadora e professora da Escola de Saúde Pública; a dissertação de mestrado e definição do interesse de pesquisa na área de Saúde; o cargo de Assessora Técnica da Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul; o cargo como Secretária Substituta na Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre; a ida para a Inglaterra; o doutorado em Social Policy and Administration, na Inglaterra; o acesso à literatura internacional na Inglaterra; o impacto dos novos métodos de pensar Ciências Sociais aprendidos no doutorado; o retorno à academia brasileira como professora na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); o cargo de vínculo exclusivo na UFRGS; as reformas no Programa de Pós-Graduação (PPG) da universidade; as participações no conselho avaliador da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); a criação do curso de Políticas Públicas na UFRGS; a visão sobre as mudanças nas áreas de Saúde Pública ao longo dos anos; a importância da Saúde Coletiva brasileira na América Latina; as dificuldades de cada área da Saúde Pública e suas relações com outras áreas da Ciências Sociais e da Biomedicina; a importância do processo de consolidação dos critérios de avaliação; as relações entre Saúde e Ciências Sociais; o confronto entre a pesquisa e a docência; a avaliação de currículos nas áreas públicas; o funcionamento da Sociedade Brasileira de Sociologia.

Entrevista: 16.06.2016

C.C.- Soraya, em primeiro lugar, obrigado por nos receber. E hoje é um dia bastante animado aqui, porque está tendo eleição para reitor. A gente queria seguir, basicamente, a estrutura da tua carreira profissional, acadêmica. Mas antes de abordar a vida universitária propriamente, queria que você falasse um pouco do teu contexto familiar, da infância.

S.C. - Bom, eu nasci em uma família, vamos dizer assim, de classe média ascendente...

C.C. - Em Porto Alegre?

S.C. - Em Porto Alegre. Já nasci em Porto Alegre, meus pais vieram da região das Missões. Meu pai era comerciante, hoje se diria empresário, não é? Mas, na época, se dizia comerciante.

C.C. - De que?

S.C. - Inicialmente, ele tinha a feira, porque não existiam supermercados, então ele tinha uma feira que seria uma *delicatessen*, tinha muita coisa importada, tinha um monte de empregados. Quando começaram a surgir os supermercados, aí ele saiu dessa área e foi trabalhar com livros, com distribuidor de livros. Foi a época que ele ganhou mais dinheiro. E vendia pelo estado inteiro, e tal. E a minha mãe, ela era uma mulher diferente da mãe das minhas amigas, porque ela, muito cedo, resolveu trabalhar. Mesmo quando o meu pai já estava em uma situação financeira boa, ela continuou. Ela fez dois cursos universitários. Tinha a chefia no estado, era assessora de alto nível. Depois fez Direito, tinha um escritório de advocacia, tinha várias pessoas que trabalhavam para ela. Então, ela era diferente da mãe das minhas amigas, porque, em geral, as mulheres trabalhavam, naquela época, na geração dela, quando precisavam, não é? E ela era uma mulher que sempre trabalhou, fez questão de não depender do meu pai. E era uma família assim que...

C.C. - Quantos filhos eram?

S.C. - Dois. Eu e meu irmão. E era uma família assim... O meu pai, embora não tenha feito curso universitário, porque ele trabalhava muito, não conseguiu. Mas ele, de fato, sempre foi um intelectual da família, ele lia mais que a minha mãe até, sabe? Um cara que devorou literatura, tudo, tudo. Então a minha casa era uma casa muito... tinha um ambiente muito de leitura, valorização dessa coisa de estudo, enfim. E literatura. Eu lembro que a gente sempre discutia, as discussões sobre os significados das palavras, saía atrás do dicionário para ver as variações das interpretações. Enfim, tinha um ambiente que eu acho que era propício para exatamente isso, não é? Um tipo de curiosidade mais científica, vamos dizer assim. Principalmente na área de humanidades. Bom, aí eu fiz o colégio, estudei em colégio de freiras, depois fui para um colégio jesuíta.

C.C. - Qual colégio?

S.C. - Primeiro fui para o Menino Deus, que era um colégio de irmãs bernardinas, que são vinculadas aos jesuítas. E depois eu fui para o Anchieta, que é um colégio de elite aqui em Porto Alegre. E não que eu fosse, não é? A minha família não era dos ricos do colégio, mas, de qualquer forma era um colégio que eu queria muito ir exatamente..., enfim, porque era um colégio que era considerado muito bom. Aí, eu fiz vestibular, com dezessete anos.

C.C. – História, que você fez?

S.C. - Fiz História, é. Eu tinha ainda dezessete anos quando eu fiz. Eu fiz bem cedo. Com dezoito eu entrei na UFRGS. Em quatro anos eu fiz bacharelado e licenciatura em História, e não tinha a intenção de fazer carreira acadêmica. A minha intenção era...

C.C. – Mas, só para entender: por que História?

S.C. - Porque eu adorava História!

C.C. - Gostava de História?

S.C. - É, adorava História. Tive um professor que também eu achava fascinante. Aliás, era um professor daqui também, que trabalhava com pré-história brasileira. O Arno Kern, era o nome dele. Ele foi meu professor no Anchieta. Eu também gostava de literatura, português e tal, mas eu me encantava mais com História. E aí, vim fazer. E fiz bacharelado e licenciatura em História. E a minha ideia era dar aula em colégio e...

C.C. – Mas, e do curso? O que você lembra na época? Como era o curso?

S.C. - Olha, o curso para mim foi muito interessante porque eu virei marxista, não é? Como todo mundo da minha geração, eu acho, virava, não é? Então, a gente tinha professores, que eram os professores tradicionais, que a gente criticava muito, que eram aqueles que vinham com as anotações em papéis amarelados, que davam aquelas aulas insuportáveis [*risos*]. E tinha os professores, principalmente de história do Brasil e de história da América, que eram... ou era um marxismo, se aproximando disso. Tinha uma professora que a gente criticava muito porque ela não era marxista o suficiente, que era a Helga Picolo, que era uma grande professora. Hoje eu avalio, foi a minha melhor professora no curso, porque ela nos dava tudo para ler, de todas as orientações, sabe? Eu me lembro do Gorender. Ela nos apresentou, não é? Embora ela não fosse marxista, não é? Ela tinha uma visão bem variada, assim, nos trazia tudo que era tipo de literatura. Mas, de fato, eu acho que a universidade, naquela época, como hoje, as melhores universidades ainda fazem isso, não é? O ambiente..., eu acho que o desenvolvimento intelectual mais interessante é aquele que a gente faz fora de sala de aula. Na discussão com os colegas. Que é um ambiente que ele é menos hierarquizado, não é? Na relação. E a gente consegue fazer grupos de discussão, enfim... E aí, tinha interconexões com o pessoal das Ciências Sociais também, então... Tinha gente que fazia História, fazia Ciências Sociais...

C.C. - Esse era um período ainda de ditadura, mas abertura já, não é?

S.C. - Eu entrei em 1976.

C.C. - 1976.

S.C. - É. E saí em 1979, da graduação.

C.C. - Mas você participava ou acompanhava a discussão mais...?

S.C. - Eu era próxima, mas eu nunca fui assim de grupo fechado, sabe?

C.C. - Movimentos estudantis?

S.C. - Não, eu participava, eu ia, participava do centro acadêmico. Mas nunca fui assim de grupo, não é? Eu era de esquerda, me aproximava de um grupo ou de outro. Principalmente do pessoal trosko, que dominava [riso] o momento estudantil. Que a gente considerava que os que não eram trotskistas eram meio à direita assim, sabe? Leninista, e tal... Mas nunca fui, assim, quadro. Não fui quadro. Me espantou um pouco no começo, assim, porque eles fizeram tipo...Tentaram fazer um recrutamento comigo muito agressivo que eu não gostei. Então eu não entrei, assim.

C.C. - Você mencionou que pensava em dar aula e não seguir uma carreira acadêmica.

S.C. - É, porque, assim, eu achava os professores todos reacionários, coniventes com o regime, não é? Então, eu não conseguia me identificar com aquele... com essa carreira, assim, porque eu tinha uma visão muito crítica em relação a eles. E na época, eu queria dar aula, queria ajudar, ensinar uma outra História para as crianças brasileiras, tinha toda uma visão assim de.... Então, eu, em seguida,... aliás, já no último ano, eu comecei a dar aula em colégio. Mas aí eu não gostei [riso]. Aí, eu achei muito chato. Não gostei de dar aula para criança.

C.C. - Mas para o ensino médio?

S.C. - É, eu comecei com quinta série, sexta série, que era os pequeninhos. E depois, no fim, eu peguei toda a História do colégio, ia até o último. Enfim, as freiras me deram, que era um colégio de freiras. Elas me deram toda a... Mas, eu não gostei. E eu acho que eu não gostei porque, na verdade, eu vi que aquele negócio não estava certo, sabe? Tu dá aquele tipo de conteúdo para aquelas crianças. Eu usava livros que eram da História... mais modernos na época. Então, ensinando para as crianças de oito. Imagina? Quinta série, dez aninhos de idade, nove anos, o modo de produção feudal. É um negócio sem pé nem cabeça! Entende? E se não era aquilo, tu tinha os livros tradicionais, em que tu pegava aquele monte de rei, e não sei que...

C.C. - Quais livros? *História das sociedades*?

S.C. - É, nem me lembro mais. História e sociedade, não sei o que. Começava lá com o modo de produção escravista, oriental, e depois ia até... Mas mesmo os outros, as opções também eram muito ruins. Aliás, ainda a gente tem esse problema, não é? Um ensino muito conteudista e muito deslocado do que deveria ser o ensino. Não só de humanidades, mas de outras áreas também. Então, aquilo ali... eu digo: "Pá, eu não vou fazer isso aqui o resto da minha vida, muito chato, não tô afim, realmente não gostei". E aí, em seguida, eu resolvi fazer... Eu terminei em 1979, já em 1980 eu entrei no mestrado.

C.C. - No mestrado?

S.C. - É, entrei no mestrado de, na época, era de Antropologia, Sociologia e Ciência Política.

C.C. - E Ciência Política. Era junto ainda?

S.C. - Era tudo junto. Eu entrei porque não tinha mestrado de História, porque senão eu teria entrado, provavelmente. E também porque eu estava me aproximando mais... Eu estava namorando, que, aliás, é meu marido até hoje, ainda. Eu estava namorando um cara que fazia o..., ele já era mais velho, tinha feito Ciências Sociais, e fazia o mestrado. E aí eu comecei a andar...

C.C. - Qual é o nome dele?

S.C. - Walter Pikner. Aí eu tinha colegas, eu tinha uma colega da História que era alemã, que era muito minha amiga, que era casada com um amigo dele que também fazia. E aí eu comecei a circular muito nesse meio, do pessoal das Ciências Sociais, e comecei a achar um barato, sabe? O que eles faziam, o lugar que eles trabalhavam. Porque eles trabalhavam em instituições de pesquisa, e tinha uma coisa de militância, sabe? E aí eu comecei a me interessar mais por isso, e não tinha o mestrado em História, e aí eu entrei. Aí entrei no mestrado em Ciências Sociais, mas me aproximando mais da Sociologia, sempre achei mais interessante Sociologia. Embora minha área seja Sociologia política, o tipo de ensino da Ciência Política, na época, eu achava muito chato também, porque era muito... aquela abordagem muito sistêmica, sabe?, da Ciência Política. Aqueles autores americanos... Não me atraía muito. Me atraiu mais a Sociologia.

C.C. - Mas você deu quanto tempo aula em colégio?

S.C. - Eu dei dois anos. É, não chegou a dois anos. Um ano e meio. Porque aí eu fiquei batalhando para conseguir um emprego, não é? De outro tipo, assim, em organizações públicas. Aí eu consegui, através de amigos dos meus pais, entrar na Escola de Saúde Pública.

C.C. - Você tinha bolsa do mestrado na época?

S.C. - Não, nunca tive. Nunca tive. Eu trabalhei e fiz mestrado. Aí eu entrei na Escola de Saúde Pública, e isso é uma coisa que eu acho bastante curiosa, assim, não é? De como são complexas as organizações, não é? Porque era a época da ditadura, o governo era um governo da ditadura, nomeado pela ditadura, o secretário de Saúde era de direita, todo mundo era de direita, e eu e os meus amigos, uma turma de gente, era todo mundo de esquerda e contra o regime [riso]. E todo mundo entrou através de indicação política, de alguma maneira, do amigo do amigo do pai de não sei quem e tal, e entraram. E a gente fazia oposição lá dentro. Fazia uma militância de esquerda dentro da própria... na Escola de Saúde Pública, por exemplo, e em outros lugares.

C.C. - Mas na Escola de Saúde Pública você fazia o que, exatamente?

S.C. - Eu fui, durante um tempo, coordenadora da Divisão de Pesquisas. Até que, como a gente criou o sindicato, que é um centro de servidores, que seria uma espécie de sindicato, que era ilegal, e começamos a fazer coisas, e teve uma greve e não sei o que, no fim eles me tiraram da coordenação da Divisão de Pesquisa, como tiraram também o diretor da Escola, enfim, teve todo um período de... E aí eu fiquei lá, fazia pesquisa, a gente às vezes... tinha uma pesquisa do CNPq. A gente conseguiu ganhar até alguns editais. Então, a gente, sei lá, fazia pesquisa, ensinava, e eu dava aula no curso de saúde pública, que era um curso de formação de sanitaristas vinculado à Fiocruz. Tinha esses cursos de saúde pública descentralizados da Escola Nacional.

C.C. - Agora, o tema da saúde pública, quer dizer, do mestrado que você vai fazer, ele surge dessa experiência ou ... ?

S.C. - Dessa experiência. Não foi uma coisa que eu escolhi. Quando eu vi, eu estava lá e aí comecei a me interessar. São essas coisas que... as redes de relações, os grupos que tu vai entrando, eles vão um pouco redefinindo quais são os objetos que te interessam, e o que tu vai fazer da tua vida profissional.

C.C. - Mas aí você voltou para a História estudando governo Brizola?

S.C. - Eu avalio a minha dissertação de mestrado como uma... , vamos dizer assim, a minha última coisa como historiadora. Eu estava ainda no meio do caminho. Mas, na verdade, a minha questão, já naquela época, era a questão da mudança, não é? Porque a minha ideia era que o governo Brizola, ele teria feito uma inflexão na área de política de saúde. Depois eu descobri que não tinha. Na verdade, ele tinha gasto *menos* em saúde. Mas porque ele tinha gasto muito em infraestrutura e na educação. Então, ele carregou tudo o que ele podia para isso. Na verdade, tem um *gap*: são dois governos de direita, está o do Brizola, e nada da saúde. [*risos*] Tem um *gap*, em termos de gastos da saúde, porque ele fez uma opção, não é? Ele gastou em outras coisas. Mas, de qualquer forma, era o tema que me interessava, que cada vez foi me aproximando mais dessa área de políticas sociais, de Sociologia política. Que é tu pensar: “Bom, tu tem grandes estruturas, que elas se produzem e se reproduzem, mas ao mesmo tempo, tu tem mudança”, não é? Essa mudança se dá em um plano menos estrutural, mas as coisas não ficam paradas. Então, a minha questão já era essa, e ao longo da minha carreira profissional, eu sempre..., vamos dizer assim, é um fio condutor do meu interesse de pesquisa é esse.

C.C. - Mas depois da transição, do fim do regime militar, você também trabalhou como assessora técnica também na Assembleia Legislativa?

S.C. - Aí, na primeira... Foi em 1987, eu já tinha terminado a minha dissertação? Terminei em 1985, é. Foi a primeira bancada do PT na Assembleia Legislativa, tá? Aí eu tinha uma vinculação forte com a área de saúde dentro do PT, e aí teve uma seleção para uma assessoria técnica e eu assumi a assessoria técnica da primeira comissão que o PT, no Rio Grande do Sul, teve na Assembleia Legislativa.

C.C. - Você era filiada ao PT, era militante?

S.C. - Era, aí sim. Nessa época eu já era. No começo, eu fiquei meio em dúvida, mas aí, em meados dos anos 1980, eu me filiei. E aí eu fui assessora técnica dessa comissão, comissão de saúde, trabalho e bem-estar social da Assembleia. Trabalhei lá um ano, e saí, porque era enlouquecedor aquilo também. E aí eu também me dei conta que também não era a minha praia aquilo ali. Porque era assim, tu tinha que fazer as coisas para ontem, não conseguia aprofundar direito, tinha que dar resposta para o dia seguinte. E eu achava aquela coisa muito angustiante, tu ter que estar respondendo, sem poder ter muita consistência.

C.C. – Bom, mas aí, um pouco depois, um ano depois, você na secretaria municipal...

S.C. - Bom, mas aí, as coisas acontecem! O PT ganhou as eleições no município de Porto Alegre. Era a primeira gestão do PT. Aí me convidaram. Eu participei, na verdade, como



sempre, nessas coisas, houve uma disputa sobre que grupo político dentro do PT na área de saúde assumiria a secretaria, e eu estava super articulada com determinado grupo. As reuniões eram todas feitas na minha casa, porque eu tinha tido filho, meu segundo filho, então eu estava amamentando. Ele tinha um mês. Eu votei com ele, assim, tinha dias. Como eu estava amamentando, então todo mundo ia lá para casa. Então a gente discutiu, discutiu, conseguimos ganhar a secretaria de saúde e eu fui secretária substituta e assessora de planejamento durante dois anos. Foi uma experiência legal, foi muito bom. Mas, também cansei. Também comecei a achar que eu queria fazer as coisas um pouco mais... Esse meu lado também acadêmico, de querer fazer pesquisa, ele sempre me acompanhou. E me angustiava um pouco essa coisa de só fazer gestão.

C.C. - E aí, você para e foi fazer o doutorado fora?

S.C. - É, aí são duas circunstâncias. Eu cheguei em uma encruzilhada: ou eu bem continuava nessa coisa política mesmo, enveredava para isso, militância mesmo, ou eu assumia esse lado mais acadêmico. E o meu marido queria fazer doutorado. E não me aguentava mais também, não é? Porque eu não estava nunca em casa [risos]. Ele cuidando dos nossos filhos. E aí chegou um ponto em que ou bem eu assumia esse negócio e me separava, porque ele ia fazer o doutorado dele, não é? Na LSE [*London School of Economics and Political Science*]. Ou bem eu ia, não é? Eu fui, confesso que meio a contragosto, mas eu resolvi ir fazer o doutorado.

C.C. - A LSE foi escolha dele originalmente e você... ?

S.C. - Foi a escolha dele, mas aí eu apliquei para outro departamento, para o departamento de *Social Policy*, porque o departamento dele era *Industrial Relations*. Aí eu fui para o *Social Policy*, aí tive o meu projeto aprovado. E enfim, fomos! Com dois filhos pequenos, um de dois, outro de cinco.

C.C. - Imagina, dois, uma cidade tão barata... [risos].

S.C. - É, super legal! E a gente aqui acostumado a ter faxineira, empregada, mãe, pai, não sei o que. E ter que fazer tudo sozinho! Foi meio enlouquecedor.

C.C. - Mas vocês moraram quanto tempo? O doutorado inteiro?

S.C. - O doutorado inteiro, quatro anos e meio. Mas foi muito legal! Foi uma experiência assim..., realmente foi uma coisa que mudou muito a minha cabeça. Foi muito, muito legal!

C.C. - Você ficou com o tema também da saúde...

S.C. - Continuei no tema da saúde, mas aí com a questão de algo que, à época, era novo, que eram as instituições participativas. Agora não é mais. Mas, à época, era uma novidade. Tu tinha o começo dos orçamentos participativos, esses conselhos, que estavam surgindo. E me interessava muito ver isso, não é? Quer dizer, como que essa participação se dava, de que modo ela poderia... quer dizer, o que era aquilo, não é? O que é que determinava que houvesse mais ou menos participação. A minha tese foi muito por aí.

C.C. - Agora, pensando em termos do tema da saúde pública. Indo para a Inglaterra você não vai ter, como no Brasil, especialistas que sabem daquilo. Você vai lidar com uma bibliografia

internacional, e com pessoas que estão acostumadas a falar de saúde pública em outros contextos. Você já tinha contato com essa bibliografia mais internacional?

S.C. - Algum, algum.

C.C. - Como é que foi em relação ao tema?

S.C. - Em relação ao tema, eu tinha algum, mas não tanto, não é? Lá realmente eu consegui... Até porque a gente tem que pensar o seguinte: não existia o portal de periódicos no Brasil, não é? Então, a gente tinha um acesso a uma literatura bem mais limitada. Era mais difícil. Tu tinha que conseguir. Alguém trazia. Era muito livro. Era muito diferente o modo como a gente lidava com a literatura internacional. Tu tinha que ir para fora para conseguir. E aí, eu cheguei lá... Eu não sei se tu conhece, mas a biblioteca da LSE é uma coisa assim! É um negócio! Pra nós, pra mim... O que eu queria, eu pegava um artigo e gostava. Eu queria aquelas referências que estavam ali, eles me conseguiam todas! O que não tinha na biblioteca, eles me conseguiam! Isso, agora não é uma coisa assombrosa, porque a gente tem portal, e tem outros acessos. Mas à época era uma coisa assim impressionante! E ali foi muito interessante. Esse contato com essa literatura internacional. E de uma forma muito sistemática. Tu conseguia fazer revisões sistemáticas de literatura, que aqui era impossível. E também com o modo de fazer pesquisa, com o modo de pensar o que é que é ... o que é que é fazer pesquisa, qual é o papel do pesquisador. Aqui a gente tinha ainda... .Eu fui formada com uma coisa que tu tinha assim um final feliz sempre, quer dizer, tinha a posição correta, ao final.

C.C. - Em termos de que? De militância correta?

S.C. - Não de militância, mas assim: “Bom, tu critica isso, critica aquilo, e bom, esse aqui é o correto, é por aí que eu vou, tá?”. Então... E a tradição anglo-saxã é muito diferente. Eu ficava esperando isso, e os textos não tinham. Aos poucos eu fui aprendendo esse modo de tu pensar que, assim, tu assumes uma posição, mas ela não é a correta ou não correta. Ela tem limitações. Cada uma tem a sua. É um outro modo de tu pensar até a questão da pluralidade, de visões teóricas, epistemológicas, sobre diferentes temas. E isso, para mim, foi o impacto mais forte no modo de pensar o como fazer ciência. Como fazer ciências sociais.

C.C. - Na volta, você já começa a dar aula, mas na Unisinos primeiro, não é?

S.C. - Eu comecei na Unisinos...

C.C. - Um ano e meio?

S.C. - É, eu fiquei um período, acho que foi um ano. Eu continuei na Escola mais um meio ano, mas aí veio uma demissão voluntária. Ainda bem. Eu saí, porque eu odiei ter que voltar para a Escola de Saúde Pública. Porque aí realmente eu queria fazer carreira acadêmica. Aí, eu estava na Unisinos, eles começaram a organizar o PPG de Ciências Sociais, que eles têm até hoje, e me convidaram, ao final de 1996. Eles me convidaram para assumir a coordenação do grupo que ia fazer a organização desse PPG e me ofereceram uma dedicação exclusiva, que era bastante tentador, não é? Só que eu já estava dando aula aqui como professora colaboradora. E fiz o concurso em janeiro, passei, em primeiro lugar, e me chamaram. E aí eu tinha que

escolher: ou eu aceitava o que tinham me oferecido na Unisinos ou eu vinha para cá. E aí, eu vim para cá. Ganhando um terço do que eu ganharia na Unisinos, e nunca me arrependi [risos].

C.C. - Bom, aqui você cria o Nipesc, não é? O Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Saúde Coletiva. E, bom, segue quase todos os degraus, as instâncias na carreira institucional dentro da universidade: vice-coordenadora, coordenadora...

S.C. - Isso, isso, é... Aí eu fui coordenadora do PPG. Eu fui vice-chefe de departamento, vice-coordenadora de PPG, depois eu assumi o nosso PPG. E acho que foi um trabalho que eu fiz no PPG que foi bastante importante para o nosso PPG, e muito difícil, que foi tirar os professores não produtivos. Ninguém tinha feito ainda! Tirar os professores que eram antigos, mas que não publicavam nada! Não faziam mais pesquisa, e ficavam... Isso eu acho que foi muito importante para criar uma nova cultura, não é? Foi muito difícil, mas...

C.C. - Mas como é que você fez? Porque é tão difícil, não é?

S.C. - Fazendo, não é? Fiquei uma semana sem dormir direito. Arranjei inimigos! [risos] Mas fiz! Me apoiei com o pessoal mais antigo, que veio junto e tal, mas que tinha essa ideia de que a gente precisava melhorar o nosso PPG. Uma série de coisas, não é? De criar critérios para entrada, para a saída, foi também durante a minha gestão, a primeira vez que isso foi feito.

C.C. - Regulação também, não é? Porque a Capes começou a ser muito mais estrita do que antes.

S.C. - Muito mais. É...

C.C. - Fazer mestrado em cinco, seis anos... Doutorado em oito, nove...

S.C. - Isso. A questão da redução do tempo de titulação. Que isso já vinha, não é? A Clarice tinha sido a coordenadora. Essa coisa da pressão, da pressão em geral, e do tempo de titulação ser menor, a Clarice já vinha conseguindo muito bem, não é? Mas aí a gente conseguiu ainda dar um passo ainda além, nessa coisa da coordenação.

C.C. - Mas, bom, você teve também experiência do comitê de avaliação da Capes.

S.C. - É, eu comecei a participar do comitê de avaliação...

C.C. - Como membro, depois coordenadora.

S.C. - Como membro, primeiro membro eventual, depois como membro que participou da avaliação, aquela do último triênio do Serginho e do Zé Ricardo, e depois... aí, eu fui coordenadora adjunta junto com o Jacob. Foi uma experiência muito legal!

C.C. - O Jacob de São Carlos?

S.C. - De São Carlos, é. Jacob Lima. Foi uma experiência muito, muito legal! Conheci muito da Sociologia, das Ciências Sociais brasileiras, e da própria Capes, não é? Tu conhece de um outro jeito, ali, participando do processo de avaliação. Foi realmente muito interessante. E, ao mesmo tempo, nessa época, a gente começou, aqui... tinha uma área que eu queria desenvolver aqui que é essa coisa de políticas públicas, políticas sociais, em função até do meu doutorado,

e também é uma coisa que, há muito tempo, o professor José Vicente e outros aqui também já queriam fortalecer mais aqui no IFCH. E nós tínhamos cursos, que eu tinha participado também da coordenação, que eram cursos de especialização em projetos sociais e culturais. E aí nós, foi em 2009, nós fechamos o projeto de um curso de graduação em políticas públicas aqui no IFCH. E ele começou a funcionar em 2010. Tivemos a aprovação, pelo MEC, da nossa proposta, que foi uma proposta muito boa, mesmo. Foi um grupo legal, que trabalhou junto.

C.C. - A área de Ciências Sociais nunca foi muito aberta para políticas públicas...?

S.C. - Não, não foi. Foi uma batalha aqui dentro. Não foi um negócio muito fácil! Tinha muita gente contra [risos]. Muita gente que achava que não devia, que ia ser mais trabalho. E a gente entrou no Reuni, não é? Essa coisa foi no Reuni, dentro do Reuni. “Que as Ciências Sociais é que devia fazer isso, que devia era melhorar as Ciências Sociais, que não devia ser um curso novo”. Mas, no fim, a gente passou o projeto, não é? E agora, em ... Não, não foi em 2010, foi em 2009... Não me lembro agora. Não estou me lembrando.

C.C. - Mas é um departamento...

S.C. - Não, não é um departamento. Porque nós temos aqui, no IFCH, nós temos cinco departamentos. Na área de Ciências Sociais, nós temos Sociologia, Antropologia e Ciência Política, separado. Não é só os PPG que são separados. Os departamentos são separados. E esses departamentos, hoje, eles são responsáveis pelo curso de Ciências Sociais, e pelo curso de Políticas Públicas. Eles compartilham essa responsabilidade. Sendo que Sociologia e Ciência Política são os principais, que têm mais disciplinas obrigatórias. Então, nós criamos esse curso de Políticas Públicas e nós criamos, há dois anos atrás, o PPG de Políticas Públicas.

C.C. - É que a gente mencionou o Jacob lá, a experiência de São Carlos. Lá ficou um departamento de Ciências Sociais, e um de Sociologia. Quer dizer, ele conseguiu se manter dentro das Ciências Sociais, acomodar...

S.C. - Ah, sim, conseguiu! Conseguiu. Nossos departamentos são relativamente grandes, e bem tradicionais, especialmente o de Sociologia, que é o maior. Mas, mesmo os outros, que são pequenos, têm vinte e poucos professores cada um deles, não é? Então não são tão pequenos assim. Então, tem alguns professores que deram força, e tal. E como tem muita autonomia, no fim, saiu esses dois cursos. Que é um viés importante também na minha carreira, é esse lado de políticas públicas, de políticas sociais.

C.C. - Mas só para voltar um pouquinho em relação à saúde pública. Você começou a lidar com o tema trinta anos atrás.

S.C. - Sim.

C.C. - Comparando como era vista a questão na academia, como objeto de estudo, e hoje em dia. O que você vê de diferente? Ou não vê grandes mudanças?

S.C. - Não, eu acho que ... eu acho que houve mudanças importantes. É uma área que ela... é que depende de que lugar da academia. Na área de saúde, a saúde coletiva cresceu muito, não é? A saúde coletiva não existia! Existia os departamentos de saúde pública.... Então, a saúde

coletiva se constituiu como um campo, não é? Hoje existem vários cursos de graduação e de pós-graduação em saúde coletiva.

C.C. - Você foi vice-presidente da Abrasco?

S.C. - Eu fui vice-presidente da Abrasco.

C.C. - Tinha que conhecer tudo...

S.C. - Isso! E cresceu muito! E a saúde coletiva brasileira é muito importante para a América Latina, inclusive. Porque ela é meio que referência, é mais organizada. A Abrasco tem um papel fundamental de liderança, sabe? A Escola Nacional de Saúde Pública também continua tendo um papel muito importante.

C.C. - Uma área que teve sempre também muito mais oportunidade de financiamento do que outras, não é?

S.C. - Muito mais, muito mais! Ela cresceu enormemente. Agora, a questão é que na área de Ciências Sociais, na área acadêmica, disciplinar de Ciências Sociais, ela continua sendo pequena, e pouca gente trabalhando. Isso, na minha avaliação, é porque a área de saúde coletiva ela é muito forte. Então, os congressos de ciências sociais e humanas em saúde são maiores do que os nossos congressos disciplinares. Então, quer dizer, um sub-congresso da área de saúde coletiva, que é de uma área da saúde coletiva, que é a área de humanidades e de sociais, ele é maior do que o congresso de Sociologia, por exemplo. Que é o maior das nossas três áreas. De Antropologia, Ciência Política e Sociologia. Então, eles puxam muita gente para a área de saúde coletiva. Porque tem muita grana, porque têm muito financiamento, têm muitas oportunidades.

C.C. - Ela tem também uma interface grande com a área da Biomédica?

S.C. - Tem, tem.

C.C. - Como é que é lidar com isso? Porque outras áreas da Sociologia não têm. Algumas têm. Quem lida com segurança, tem a criminologia, aí entra com outras áreas disciplinares. Mas, na maioria, não. Você fica dentro do âmbito das Ciências Sociais, estrito senso. Essa área de saúde pública, não. Ela te coloca em um...

S.C. - É que é assim... Talvez a principal área de interlocução é com a epidemiologia. Claro que, dependendo do tipo de trabalho que tu tiver que fazer, vai ter que ler também sobre outras coisas. Óbvio. Mas, das áreas *hard* da saúde, é principalmente epidemiologia. E é um problema. É um problema porque os epidemiólogos, a área de epidemiologia, nos cursos de saúde coletiva, ela tende a hegemonizar, não é? Então, a epidemiologia é muito forte. Ela é a mais forte das áreas da saúde coletiva. E a relação se dá, principalmente, por aí. No geral, eles são aliados do pessoal das humanidades na área de saúde, dentro da saúde coletiva. Em geral, os epidemiologistas são nossos aliados contra o resto. Mas, dentro do campo, é uma disputa, porque eles são os *hard scientists* da área.

C.C. - Pensando questões como protocolos de pesquisa, questão ética?

S.C. - Também tem isso.

C.C. - É uma discussão enorme.

S.C. - E que ela termina respingando para tudo que é lado! Porque a área da saúde conseguiu puxar para si.... A Conep, no Conselho Nacional de Saúde, se transformou na grande comissão de ética do planeta Brasil, de tudo que se faz em ciência no Brasil. E não há uma razão para isso. Razão... . Se tu vai pensar... .Não tem por que! Se é dentro do Conselho Nacional de Saúde. Mas eles puxaram para eles. E isso cria muitos problemas para pesquisa em humanidades, não é? E particularmente para humanidades dentro da área de saúde. Porque fica um problema! Porque eles querem algumas.... os critérios que eles estabelecem para as pesquisas na área de humanidades não são os critérios que nós estabeleceríamos, não seriam estabelecidos pelos nossos pares. Como a gente sempre diz: “Nós queremos ética, e queremos ter regramentos claros, mas estabelecidos pelos nossos pares”. E não pelo pessoal da Biologia, da Medicina, entende? Não por eles!

C.C. - É, eu acompanhei isso tudo há pouco tempo. Teve um professor lá, Luis Fernando Duarte. Envolvidíssimo com isso!

S.C. - É uma questão muito complicada!

C.C. - Bom que eu fiz pesquisa de campo há trinta anos atrás. Porque hoje eu teria medo! Entrevistas, essas coisas...

S.C. - Não, é uma loucura, é uma loucura! Então, tem muitas tensões nessa área. Agora, realmente, eu acho pena que, dentro da área disciplinar das Ciências Sociais no Brasil, a área de saúde seja tão pequena, tão inexpressiva. Ela sempre está lutando para se... Mas a explicação é essa. Abrasco, chupa! [risos] O pessoal para lá, e aí fica difícil, o pessoal fica lutando aqui para conseguir manter um espaço! Fazer pesquisa.

C.C. - Eu queria também que você falasse um pouco mais sobre a experiência no comitê de avaliação. Não só no comitê de avaliação, sobre avaliação em geral. Avaliação, na universidade como um todo, é uma palavra, às vezes, maldita, não é? Para sindicatos, associações. Na pós-graduação, ela foi se impondo como uma... Não que não seja, em algum nível, passível de contestação, mas foi se impondo como uma realidade. Hoje em dia as pessoas lidam com essa lógica, por mais que critiquem, mas, foi, vamos dizer, me parece, não sei se você concorda, ao longo do tempo, assimilado como uma realidade.

S.C. - Sim.

C.C. - A diminuição dos tempos, e a avaliação por vários critérios. E como é que você acompanhou esse processo, fazendo parte do comitê de avaliação de Sociologia? A Sociologia, também inclui os programas de Ciências Sociais genéricos, não é? Que não são Ciência Política ou de Antropologia, ou Relações Internacionais.

S.C. - Exatamente. Bom, é que tem várias questões, não é? Por um lado, tem o processo de estruturação e consolidação da avaliação, que eu acho que ele foi ocorrendo principalmente a partir do primeiro processo de avaliação. Agora não me lembro exatamente em que triênio foi, mas o primeiro em que o Serginho e o Zé Ricardo foram, não é? Estou dizendo a nossa área, tá? Mas ela corresponde, hoje, a um processo mais geral também. Que foi um momento em

que se estabeleceu critérios muito claros, ou bem mais claros de como que seria feita a avaliação, e houve um processo, de certa forma, de descentralização também. Porque era muita USP, em certa medida UFRJ, não é? Mas houve um processo de relativa descentralização, até porque os critérios se tornaram mais claros. Porque, até então, mais ou menos explicitamente, as coisas dependiam muito de “Bom, eu sei quem ele é, eu sei de onde ele vem”. Critérios de autoridade, não é? Então, eram utilizados para estabelecer o que era critério de excelência, e não regras claras que qualquer um pudesse olhar e tentar se adaptar a elas. Então, acho que isso foi um avanço muito importante! A gestão dos dois, as duas foram muito importantes nesse sentido, no estabelecimento desses critérios, claros, acordados com o conjunto das coordenações de PPG no país. E depois, na nossa gestão também, a gente manteve esse tipo de clareza sobre os critérios. O que permanece até hoje. Isso é em termos de estruturação, tá? Mas, nós temos tensões na área de Sociologia, muito fortes. Principalmente em relação às Ciências Sociais versus Sociologia. Porque os cursos de Ciências Sociais, eles englobam Antropologia, Ciência Política e Sociologia. E nós estabelecemos um “qualis” e critérios para tudo. Então, quando tu vai avaliar uma tese. Qual é a melhor tese da nossa área? Quais são os periódicos que vão ser avaliados como *top* na nossa área? Qual é o critério que tu vai usar? O da Antropologia? O da Ciência Política? Não, nós vamos usar o da Sociologia. Só que os cursos são de Ciências Sociais. Então, isso cria uma tensão com os professores dos cursos de Ciências Sociais que são vinculados à Ciência Política e que são vinculados à Antropologia. Isso é sempre uma relação tensa! E hoje, eu não sei como é que está hoje, mas na nossa gestão, havia mais curso de Ciências Sociais do que de Sociologia. Foi quando inverteu, não é? Então, essa tensão se agravou até. Porque foram criados diversos cursos com esse processo de descentralização e tal. Os cursos, em geral, eles começam como de Ciências Sociais, porque é mais fácil tu juntar gente daqui e dali do que...

C.C. - Depois vai separando...

S.C. - É, depois vai separando.

C.C. - Agora, e na graduação? Porque na graduação não avançou tanto. As Ciências Sociais continuam...

S.C. - Continua predominando, é.

C.C. - Embora tenha várias que tenham experiência já de ter curso em Antropologia, em Ciência Política...

S.C. - É, mas ainda predomina Ciências Sociais. Não disseminou como em um certo momento parecia que ia disseminar. Até em função de um ativismo da Antropologia, eu acho, principalmente...

C.C. - Sim, eu participei de uma reunião da ABA, em uma mesa que era isso. Eles estavam criando a graduação em Antropologia.

S.C. - É. E defendendo isso e tal.

C.C. - E a gente estava criando na Fundação uma graduação em Ciências Sociais. Então, eu queria entender...

S.C. - É, eles tinham um ativismo mesmo, em um certo momento. Isso é uma das questões. Mas, da avaliação em geral, eu acho que a avaliação saiu um pouco do controle. Essa é a minha avaliação crítica, vamos dizer. Eu acho que tem que ter avaliação. Eu acho que os PPGs, do modo como eram, que tu tinha professores que ficavam a vida inteira e não publicavam *uma* linha. E, na verdade, não faziam pesquisa, empírica também. Faziam que faziam, mas não faziam. Isso não podia continuar assim. Então, eu sou a favor da avaliação. Só que eu acho que ela saiu um pouco do controle. Porque como, como...

C.C. - Em que sentido?

S.C. - No sentido do seguinte: eu tenho uma colega que professa na LSE, que ela dizia esse negócio: “O sistema parece que assumiu uma autonomia, e ele nos engoliu”. Entende? [risos]

C.C. - Como é? Muito do Weber... uma expressão, não é?

S.C. - É, uma coisa sistêmica, que vai lá e nos engole e a gente perde o controle sobre o sistema.

C.C. *Iron cage...*

S.C. - É, um negócio assim. Porque para tu avaliar, e estabelecer parâmetros quantitativos de avaliação, tu precisa ter coisas que sejam quantificáveis. E tem coisas que elas são muito importantes, mas elas não são quantificáveis, não é? A avaliação de processo é *muito* difícil de fazer!

C.C. - Ou algumas coisas quantificáveis são passíveis de falsificação.

S.C. - Também, também isso. Mas falsificação, tu pode ter em uma coisa ou outra.

C.C. - Manipulação, talvez.

S.C. - É, mas tu pode ter em uma coisa ou outra. Mas, eu acho que o problema da avaliação, e não é só nesta área, em outras áreas de políticas públicas também, é que tu termina distorcendo para avaliar por aquilo que é passível de ser avaliado. De forma quantitativa. E isso cria problemas! Porque determinados processos que são fundamentais, eles não conseguem ser incorporados. Então, há uma desvalorização evidente da docência. Por que? Para que adianta tu ser bom professor ou não? Quanto menos aula tu der e mais tu te livrar da docência, mais tu tem tempo para fazer pesquisa e produzir.

C.C. - Como é que se avalia?

S.C. - É, é complicado. Não tem muito como. A outra coisa é que é assim... Eu lembro uma vez a Clarice estava dizendo isso. É que uma vez perguntaram para o Luhmann qual era o projeto dele de pesquisa. Ele disse: “Olha, estudar o sistema capitalista”. “Tá, mas o senhor teve outro projeto?”. “Não, esse é o projeto. É o meu projeto. É da minha vida”. [risos] Esse cara, provavelmente vai ser mal avaliado! [risos] No PPG nosso. Então, determinados tipos de projetos de grande fôlego, eles encontram dificuldade para serem incorporados no sistema de avaliação, não é? Porque tu termina aqui, tu tem que produzir bastante, não é? E isso estimula também o incentivo para isso que tu estava dizendo. Para essas coisas que tu encontra nos Lattes das pessoas, que são variações sobre o mesmo tema. Duas ou três coisas. Daqui a pouco tu muda um pouquinho ali, muda um pouquinho ali, e aí tu publica aqui, publica ali, apresenta



aqui, apresenta ali. Porque o sistema estimula isso. Não é mau-caratismo das pessoas. O sistema estimula.

C.C. - Fica parecendo um pouco pessimista demais. Certa lei de ferro da burocratização da avaliação que vai gerando seus próprios mecanismos de se distanciar de qualquer coisa mais global ou qualitativa. Tem alguma saída?

S.C. - Olha, nós temos conseguido.... Porque aí tu remete a uma disputa, que é uma disputa inter-áreas, interdisciplinar. Que se estabelece na Capes, no Conselho Técnico, o CTC da Capes. Ali se vê claramente isso. Quer dizer, tu tem uma predominância das ciências da vida e exatas, tu tem uma minoria de humanidades. Mas, em alguns momentos houve uma interlocução muito boa, não é? Porque a gente também tem uma visão de que todo mundo que é da área *hard* só enxerga número, e não gosta de humanidades. E não é assim! Em geral, as pessoas são intelectuais bem mais completos, não é? Mas, eles precisam entender! O que a gente está falando, não é? Precisa ter uma interlocução. Então, a avaliação, por exemplo, de livros, ela é uma avaliação que a gente tem conseguido manter na avaliação da Capes. Que ela permite um outro tipo de abordagem que envolve algum tipo de avaliação de qualidade, de coisa que não seja só publicação em periódico. São vinte e duas áreas. Não sei como está agora, mas até uns dois anos atrás, vinte e duas áreas que faziam avaliação de livros, mas algumas..., sei lá, tinham dois livros no ano. Tinha livro, mas o livro era secundário. Mas nas nossas áreas não, não é? A área de Sociologia, a área de Antropologia, a área de Letras, de História, nessas áreas é essencial a avaliação de livros. E a gente tem conseguido manter. É sempre uma interlocução difícil, porque “Como vocês vão avaliar? Como vai avaliar a qualidade de milhares de livros que são publicados por ano?”. E a gente faz! Na medida do possível. Não se consegue ler tudo, mas faz. Agora em agosto vem o pessoal para cá. Lá de Sociologia. Estou participando desse comitê de livros. E eles vêm para cá. Vem uma turma do resto do Brasil e nós vamos ficar durante uma semana...

C.C. - Um mutirão...

S.C. Fazendo mutirão, é. Em duplas, e avaliando, enfim.

C.C. - E, bom, quero também perguntar, claro, da SBS, que você foi, até pouco tempo, presidente. Já tinha sido vice-presidente antes, não é?

S.C. - Sim.

C.C. – Eu nunca participei da SBS. Participei da Anpocs, mas ou da ABA ou da ANPUH. As duas, as que eu tenho. É mais ou menos natural esse movimento do vice-presidente se tornar presidente?

S.C. - É. Não necessariamente, mas é ... com alguma frequência isso ocorre. Às vezes é o secretário geral. Porque os dois cargos principais na SBS é a presidência e a secretaria geral. Então, às vezes é o secretário geral que se torna presidente. Então são as duas coisas: ou o vice-presidente, ou os secretários gerais. Ah, uma experiência incrível! A SBS é uma associação... Das três, ela é a mais antiga, não é? E ela meio que desapareceu durante um certo período, e ela retoma como uma entidade forte nos anos 1990, e depois ela... Bom, se consolidou. Os nossos congressos tem sido congressos bem... Tu vieste no congresso?

C.C. - Não.

S.C. - E tem sido congressos muito concorridos, não é? Cerca de dois mil participantes. E tem melhorado bastante a qualidade, do que é apresentado, muitos palestrantes, os grupos de trabalho bem consolidados. E ela é uma associação que eu acho que... Não sei como é a ABA, que eu conheço menos, eu conheço mais a Ciência Política. Ela é uma associação muito pacificada, muito tranquila. Não que não tenha disputa. Qualquer lugar tem, não é? Mas ela é muito tranquila, sabe? A gente consegue ter relações muito respeitadas. E com orientações teóricas muito variadas, de abordagem metodológica *muito* variada. Então, desde pesquisas mais quanti, mais hipotético-dedutivas, uma coisa mais quanti. Em áreas, por exemplo, de estratificação social, onde isso predomina, até uma coisa bem mais, vamos dizer, uma pesquisa mais... com viés mais etnográfico, em outras áreas.

C.C. - A impressão que eu tenho, não sei se equivocada, é que, por exemplo, na ABCP, na área de Política, você tem um distanciamento maior, entre os mais *hard* e os que não são. Por mais que possam conviver, mas é uma ciência... E isso aparece. Em algumas entrevistas, aparece explicitamente. Não é nenhuma fofoca. Na de Sociologia, você acha que é diferente?

S.C. - É diferente! É tranquilo! Mesmo o pessoal que trabalha com estratificação tem um profundo respeito por pesquisas de outro tipo. Em geral, eles usam métodos mistos, quali-quantitativo também. Porque, vamos dizer assim, é da natureza da disciplina. A Sociologia, ao fim e ao cabo, ela trabalha com o que? Com regras sociais, com normas sociais. Tu pode chamar isso com diferentes nomes. E isso está onde? Está onde? Não está em lei, isso está dentro de nós. Como diria o Durkheim e seus seguidores, em volta de nós. Onde que isso está?

C.C. - O sujeito está na interação...

S.C. - Está na interação entre as pessoas, em um viés mais Elias, relacional, e tal. Então, não há como a Sociologia não se voltar para a questão da subjetividade, entende?

[FINAL DO ARQUIVO 01]